

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
A CINEMATECA COM O QUEER LISBOA: LIONEL SOUKAZ
24 de setembro de 2025

NU LACTÉ / 2002

um filme de **Xavier Baert, Lionel Soukaz**

Realização: Xavier Baert, Lionel Soukaz / **Direção de Fotografia:** Xavier Baert, Lionel Soukaz, Othello Vilgard / **Montagem:** Lionel Soukaz / **Performance:** Tom de Pékin

Produção: Lionel Soukaz / **Cópia:** Digital, sem diálogos / **Duração:** 5 minutos / **Estreia Mundial:** Paris Gay and Lesbian Film Festival, 8 de Dezembro de 2002 / Primeira exibição na Cinemateca.

IXE / 1980

um filme de **Lionel Soukaz**

Realização e Argumento: Lionel Soukaz / **Assistentes de Direção:** Hervé Leymarie, Philippe Veschi / **Direção de Fotografia:** Lionel Soukaz / **Montagem:** Lionel Soukaz / **Com:** Jean-François B., François Dantchev, Farida, Karine, Hervé Leymarie, Lionel Soukaz, Verveine, Philippe Veschi, York.

Produção: Lionel Soukaz / **Cópia:** Digital, sem diálogos / **Duração:** 48 minutos / **Estreia Mundial:** França, 1980 / Primeira exibição na Cinemateca.

A obra de Lionel Soukaz percorre sempre uma linha de risco e um sentido de urgência. Filma o íntimo como um manifesto, transformando o desejo em gesto político. Oferece-nos um lugar voyeurístico e encurrala-nos na sala escura, onde o assento se desloca para o canto mais sombrio do quarto. Coloca à frente dos nossos olhos algo a que não deveríamos ter acesso, mas que ela nos dá a ver, seja como for. É frequente que parte das “personagens” não sejam – ou fossem à época, mas deixariam de o ser – anónimas. São poetas, intelectuais, artistas e outros cineastas, de quem este se rodeia – e cujo reconhecimento público reforça a curiosidade do espectador –, mas, mesmo quando se trata de completos desconhecidos, Soukaz confere-lhes o mesmo tratamento perante a câmara, porque essa nunca é condição de pertença a esta comunidade. Estes filmes podiam ser – e por vezes são – quase domésticos, fragmentos que parecem ter escapado de um arquivo pessoal. Há sempre uma sensação de exceção à proibição, de que se está a proporcionar um momento de transgressão inconsequente. E digo isto quando os vemos hoje, nem consigo imaginar o que seria confrontar-me com eles numa época mais moralista, em que o combate a esse opressor moralismo era precisamente o grande motivo da sua existência.

No momento da sua criação, os filmes de Soukaz, eram gestos de transgressão, hoje impõem-se também como arquivos preciosos de um tempo e de uma comunidade. Guardam corpos, vozes e práticas (vidas) que escaparam às formas hegemónicas de representação, oferecendo-nos um retrato vivo das redes de sociabilidade queer e da vanguarda cultural francesada da época. Cada plano funciona como documento e testemunho, mas também como contra-arquivo: em vez de organizar e domesticar a

memória, preserva-a no excesso e fragmentação. Ao revermos estas imagens décadas depois, não só assistimos à persistência do gesto político – do qual os tempos começam a pedir de novo - como reconhecemos nelas uma sobrevivência. Aquilo que nelas permanece ativo, mesmo depois da urgência inicial se ter transformado em memória histórica.

Nu Lacté, a curta-metragem que abre a sessão, revela desde logo essa ambição arquivística disfarçada de excesso e ligada à ontologia do suporte que a sustenta. Num gesto simples e comum — a documentação de uma performance de Tom de Pékin filmada em Super-8 a preto e branco — a obra coloca o corpo e a película em diálogo. O performer despe-se e depila-se tornando cada gesto e cada plano num acto de exposição ou de ocultação, sendo o desejo o objecto central da representação, e a camara e o corpo os intervenientes que negam ou cedem a essa expectativa. A pele confunde-se com a materialidade sensível do filme, produzindo uma provocação documental que oferece uma nova camada de significado à performance efémera do artista.ⁱ

IXE, por sua vez inaugura a ideia de provocação aberta e inconsequente no trabalho do cineasta – que não esperaria nada menos do que proibição. Foi uma resposta direta à censura de **Race d'Ep**, filme perseguido por trazer para o centro do ecrã uma vivência homossexual sem disfarces nem concessões, sendo considerado um filme pornográfico – e não podendo, portanto, circular livremente pelas salas. Em vez de recuar, Soukaz radicaliza. Organizado em torno de quatro eixos — guerra, sexo, religião e drogas —, **IXE** expõe o corpo e a política na sua forma mais crua, fazendo da própria violência da censura o motor para um cinema ainda mais excessivo e declaradamente marginal, numa transgressão que é - para além de temática - visual, linguística e estrutural. A sua estética fragmentária e de sobreposição - que lembra as práticas das vanguardas e da arte política dos anos 70 - recusa linearidade e opera como contra-narrativa face às imagens domesticadas aceites pelo sistema cultural conservador, mesmo em plena era pós-68. Mas a pergunta que se impõe é: Pode uma provocação inspirar mudança social? Talvez não no sentido programático de um manifesto político, mas precisamente pelo contrário — pelo gesto de inscrever no arquivo aquilo que era condenado a permanecer invisível. Pelo acto de persistir em filmar e mostrar o silenciado.

Vistos em conjunto, os dois filmes colocam-nos perante um cinema que não procura a beleza nem a catarse, mas sim a inquietação, ou até a irritação. Ambos os gestos convergem numa recusa da passividade. O espectador é convocado a reagir, a sentir desconforto, prazer, repulsa, riso, mas nunca a permanecer neutro.

Mas se, contra tudo, não tiver no final qualquer reação, aquele repetido riso no final – infinito - já com o ecrã escurecido, dará conta do recado.

Tiago Leonardo

ⁱ Em nota à parte, Tom de Pékin é também o artista responsável pela ilustração que serviu de cartaz para o filme **L'Inconnu du Lac**, exibido na Cinemateca o mês passado no contexto do ciclo “À Flor da Pele”. Esta imagem suscitou polémica aquando da estreia do filme (2013), quando cartazes foram retirados das ruas de Paris por mostrarem um beijo entre duas pessoas do mesmo sexo, assim como um ato sexual ao fundo. Este episódio reforça a pertinência e a relevância política destes gestos artísticos.